

NOTAS SOBRE SURFE, MÍDIA E HISTÓRIA

Prof. Ms. Rafael Fortes¹

Universidade Federal Fluminense

Niterói, Brasil

raffortes@hotmail.com

Recebido em 11 de setembro de 2008

Aprovado em 25 de novembro de 2008

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir alguns aspectos relacionados à pesquisa acadêmica em história do esporte, mais precisamente, às articulações entre história, surfe e meios de comunicação. A primeira parte explora com brevidade alguns fragmentos da história do surfe até os anos 1970, a partir de livros dedicados ao esporte. A segunda tece algumas considerações sobre o surfe nos anos 1980, com destaque para as articulações entre desenvolvimento do esporte e meios de comunicação. Não se pretende esgotar tais temas e as questões a eles relacionadas, mas estimular o debate em torno das possibilidades de estudo do surfe no Brasil sob o ponto de vista histórico.

Palavras-chave: *Fluir*; surfe; Rio de Janeiro; anos 1980.

Abstract

Notes on surfing, media, and history

This paper seeks to discuss some issues related to academic research in sports history, more precisely, to the links between history, surfing and the media. The first part explores shortly some fragments on history of surfing until the 1970s, based on some books dedicated to that sport. The second makes some considerations on surfing in the 1980s, pointing out the relationship between that sport's development and the media. It is not this article's intention to exhaust those themes and the issues related to them, but to foster debate over the possibilities of studying surfing in Brazil from an historical point of view.

Keywords: *Fluir*; surfing; Rio de Janeiro; 1980s.

¹. Doutorando em Comunicação (PPGCOM/UFF), pesquisador do *Sport* – Laboratório de História do Esporte e do Lazer (PPGHC/UFRJ) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Mestre em Comunicação, graduado em Comunicação Social/Jornalismo e em História.

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir alguns aspectos relacionados à pesquisa acadêmica em história do esporte, mais precisamente, às articulações entre história, surfe e meios de comunicação. Não se trata, aqui, de querer esgotar as múltiplas imbricações entre mídia e surfe, mas de chamar a atenção para um campo de estudos potencialmente fértil, bem como para a importância de considerar os meios de comunicação como agentes nos estudos de história do esporte.

Salvo nos trabalhos que utilizam meios de comunicação – com destaque para os impressos – como objeto central de estudo ou como fonte, não é muito comum a mídia ser considerada um agente importante nos trabalhos e pesquisas produzidos no campo da história. Esporte, trabalho, violência, partidos políticos e outros temas frequentemente são estudados como se os meios de comunicação não tivessem papel algum a desempenhar em relação à realidade, tanto concreta quanto simbólica, experimentada pelos indivíduos, grupos, classes, associações, sociedades que fazem a história.

Não estou defendendo, aqui, o contrário, ou seja, que os meios de comunicação são responsáveis ou causa última de tudo que acontece na sociedade e passa pela cabeça das pessoas e classes que a compõem. Mas que um olhar atento sobre a realidade – sobretudo nos séculos XX e XXI – não pode ignorar a importância da mídia na configuração de gostos, identidades, classes, preferências eleitorais, posições políticas etc. Em se tratando de Brasil, particularmente, rádio e televisão são primordiais nesse aspecto, seja pela importância que têm no cotidiano das pessoas, seja pela amplitude do público que atingem – muitas vezes mais expressivo do que o alcançado pelos veículos impressos. Embora com público mais restrito, o cinema também merece ser ressaltado, pelo poder de suas narrativas e imagens.

Este artigo se divide em duas partes. Na primeira, discuto brevemente alguns fragmentos da história do surfe até os anos 1970, a partir de livros sobre o assunto. Na segunda, teço algumas considerações sobre o surfe nos anos 1980, com destaque para as articulações entre desenvolvimento do esporte e meios de comunicação.

Fragmentos de uma história

Merecem destaque algumas iniciativas não acadêmicas de elaboração de uma história do surfe, geralmente através de um ou mais capítulos em obras gerais sobre este esporte. Não obstante, como em outras áreas (história do jornalismo e história da comunicação, por exemplo), e por diversas razões, a visão de *história* que aparece nos textos é muito diferente daquilo a que se propõe a disciplina acadêmica homônima (mesmo considerando que a História não pode ser tomada como uniforme, pois existem diversas correntes no interior da discussão epistemológica da disciplina). Tais iniciativas não contemplam – nem poderiam – alguns aspectos essenciais do fazer histórico, como menção precisa às fontes das quais as informações foram extraídas, crítica das fontes, uso e discussão de instrumental teórico e metodológico, entre outras. São narrativas, em geral lineares, nas quais os acontecimentos têm o status de *fatos* – ou então aparecem como mitologia, como as especulações sobre *a origem* do surfe através dos povos que habitavam a Polinésia. Em geral, atribuem grande valor à evolução das pranchas (modelos, materiais, técnicas de fabricação), abrindo pouco espaço para diversos outros aspectos importantes para a configuração do campo esportivo.²

Além dos aspectos citados, sem dúvida a discussão sobre o surfe no âmbito acadêmico poderia contribuir para retomar pontos de vista, projetos, visões que não se tor-

² Esta observação é feita por Booth (2001) para o surfe australiano, mas pode ser observada também no Brasil.

naram vencedores e, conseqüentemente, desaparecem nas narrativas lineares. Em outras palavras, trabalhar a história do surfe enquanto história-problema, e não como um percurso evolutivo homogêneo e reto, em que há sempre consenso entre os envolvidos, aos quais o esporte só faz bem e traz conseqüências positivas. Por outro lado, tendo em vista os preconceitos e estigmas que cercaram e, em algum grau, ainda cercam os surfistas, é compreensível que esforços para conferir-lhes credibilidade, como os livros, tenham, em um ou outro trecho, um certo tom de auto-ajuda.

Não obstante, é possível perceber, nas fontes, algumas pistas quanto aos problemas envolvendo o surfe. Referindo-se à primeira metade dos anos 1970, Souza (2004, p. 40-1) afirma que “todo mundo era cabeludo e a imagem do surfista não era muito boa, porque a maioria não trabalhava, tinha bom poder aquisitivo e alguns nem estudavam.” Muitas crianças e adolescentes que se apaixonaram pelas ondas tinham seu comportamento desaprovado por pais e familiares. A falta de apoio familiar aparece em diversos depoimentos e momentos, tanto de surfistas das primeiras gerações, como o próprio Rico de Souza (2004, p. 45-6), cujos pais “não aprovavam muito o fato de eu ficar na praia atrás de ondas”, quanto de surfistas entrevistados por *Fluir* ao longo dos anos 1980. Mesmo anos depois, com o surfe tendo evoluído bastante no Brasil e já estabelecido como atividade profissional e séria, parte do estigma permanece. Em depoimento no documentário *Surf Adventures – O Filme*, de 2002, o atleta profissional Peterson Rosa afirma que a escolha da profissão foi para “mostrar para pais, empresários, para o povo brasileiro que o surfe não é coisa de vagabundo, drogado, que só quer ficar jogado na praia. É uma profissão de respeito como advogado ou médico”.

Na primeira metade da década de 1970, o surfe foi proibido nas praias cariocas entre 8-14h, porque “a prancha, solta, acabava machucando os banhistas e a imprensa

fazia campanha contra o surf” (na época inexistia a cordinha que prende a prancha ao tornozelo do surfista, evitando que a mesma siga até o raso e atinja os banhistas quando o surfista cai ou sai da onda) (Souza, 2004, p. 41). É de se imaginar que uma pesquisa nos periódicos da época revele tais críticas aos surfistas.

É comum o reconhecimento e exaltação dos pioneiros do surfe e das primeiras gerações, com citação de nomes e elogios pela grande contribuição ao esporte (Memórias, 1994; Souza, 2004).³ As poucas obras existentes tratam das primeiras experiências em Santos, nos anos 1930. O esporte teria se consolidado nas areias de Copacabana e do Arpoador, no Rio de Janeiro, nas décadas de 1950 e 1960. Segundo Souza (2004, p. 34), uma Federação Carioca de Surf foi fundada em 1965 e, “na metade dos anos 70, surgiria a Associação Brasileira de Surf Profissional”, mas não há referências posteriores a esses órgãos. Tendo em vista a enorme dificuldade que foi criar uma Associação Brasileira de Surf Profissional nos anos 1980 e que uma associação que promovesse circuitos cariocas regularmente também só se viabilizou a partir de meados da década, é de se supor que as entidades cuja fundação foi mencionada pelo autor não tenham durado muito tempo.

Nos anos 1970, em Ipanema, configuram-se alguns hábitos que se espalhariam junto com o surfe, como o de consumir sanduíches naturais e sucos. Inauguram-se as primeiras lojas de roupas *transadas* para os surfistas, que posteriormente seriam chamadas de *surfwear* (Souza, 2004, p. 40-1). No caso dos surfistas do Rio de Janeiro, as viagens a Saquarema foram um elemento importante para a coesão grupal e a afirmação de certos valores, por permitir convivência nos acampamentos, contato com a natureza e experiências fora do olhar vigilante dos pais.

³. Existe uma obra com perfil semelhante que ainda não foi consultada devido ao difícil acesso, mas que o será em breve. Trata-se de uma edição especial da revista *Fluir*, com 220 páginas, de autoria de Alex Gutemberg, intitulada *A história do surf no Brasil: 50 anos de aventura*. Foi publicada em 1989.

Um passo importante para a institucionalização dos esportes é a criação de espaços em que professores os ensinem regularmente a alunos. Na maioria dos casos, isso acontece na escola e nos clubes, o que não é possível no caso do surfe, por razões óbvias. De acordo com Souza (2004, p. 55-6), a primeira escolinha foi criada em 1982, no Rio de Janeiro. Financiada com verba da Riotur, órgão municipal de turismo, funcionou durante apenas um mês. A partir da década de 1990, várias escolinhas foram criadas no Rio, algumas mantendo programas de bolsas para crianças e adolescentes pobres.

Como outros esportes, o mercado e os valores em torno do surfe agregam muitos admiradores e fãs que não são praticantes. Nas palavras de Souza (2004, p. 12), “tem gente que se sente surfista pelo astral, pelas roupas, pelos lugares que frequenta, mas nunca se aventurou a descer uma onda em pé sobre a prancha, realmente desvendando o sonho. Este livro é também para esses surfistas da imaginação”. Lorch (1980, p. 10) também inclui entre aqueles que denomina surfistas “os que têm um prazer inestimável de olhar uma onda quebrar”, ou seja, não são praticantes. Nos últimos anos, muitos acabaram decidindo aprender o esporte justamente nas escolinhas, que têm como público principal as crianças, mas também funcionam como um meio para que adultos que não tiveram a oportunidade de surfar quando mais novos aprendam a fazê-lo.

Mídia e surfe nos anos 1980: algumas reflexões

Filmes exibidos em circuito comercial como *Endless Summer*, *Nas ondas do surf* e *Menino do Rio*, sessões de cineclube com filmes de surfe especializados, o seriado *Armação Ilimitada*, diversas novelas (com personagens surfistas), o programa televisivo *Realce*, programas de rádio (tanto pela ênfase no jornalismo, com cobertura de campeonatos e entrevistas com atletas e dirigentes, quanto pela divulgação de músicas associa-

das ao esporte e ao gosto de seus praticantes e admiradores), entre outros, foram fundamentais, principalmente a partir dos últimos anos da década de 1970, para divulgar o surfe, os valores e estilo de vida a ele associados. Contribuíram, portanto, para torná-los uma febre entre parte da juventude carioca, fluminense e brasileira, proporcionando pelo menos dois momentos de *boom*, em torno dos anos de 1977 e 1983. Sobretudo no Rio de Janeiro e em Niterói, o impacto dos valores ligados ao surfe na conformação de gostos da juventude de classe média (e também, em alguma medida, de jovens ricos e pobres) foi e ainda é patente ao longo de diversas gerações, desde os anos 1970, acentuando-se a partir dos anos 1980.

Nos anos 1970 e 1980, a exibição de filmes de surfe na televisão, no cinema e em sessões especiais (em cidades como Santos, São Paulo, Rio de Janeiro e Niterói) contribuiu para espalhar o esporte (Souza, 2004, p. 54). Filmes como *Menino do Rio* e *Garota Dourada* apresentavam o surfe como um esporte glamouroso, praticado por jovens belos e saudáveis. Isso contribuiu para *limpar* a imagem dos praticantes, associada, no senso comum, a drogas e vagabundagem. Em *Garota Dourada*, dois surfistas importantes do Rio de Janeiro participam como dublês dos protagonistas nas cenas de surfe: Cauili Rodrigues e Fábio Pacheco. Marcas da época recebem destaque e são usadas pelos personagens: Mormaí, Energia, Anonimato, Rastro. Os filmes tratam ainda da articulação do surfe com outros esportes, como o vôo livre, e divulgam atividades e valores ligados ao estilo de vida do surfista, como luau, acampamento, música. Em *Garota Dourada*, ouve-se um som ligado na Rádio Cidade quando alguns personagens estão em uma lanchonete do Rio de Janeiro. Posteriormente, vão a um show de rock, em que uma asa delta enfeita o palco. Vários artistas (Léo Jaime e Marina, entre outros) de sucesso na época aparecem no filme, que teve trilha sonora lançada pela gravadora CBS.

As emissoras de rádio divulgam o surfe e os estilos de música associados a seus praticantes e fãs, como rock, reggae e uma vertente específica, a *surf music*. No Rio, destaca-se Rádio Cidade. Em Niterói, a Rádio Fluminense FM – A Maldita, certamente a que mais contribuiu para o desenvolvimento daquele esporte nos anos 1980, promovendo diversos campeonatos no Rio de Janeiro, Niterói e Saquarema e, inclusive, patrocinando a Copa Fluminense, em Itacoatiara (Niterói).

Contudo, no que diz respeito à estruturação e conformação do surfe como um *esporte* organizado e profissional, as revistas talvez tenham sido o meio de comunicação que mais contribuiu. Isso se deve a algumas razões. Primeiro, são o veículo por excelência feito por e para surfistas. Geralmente são criadas por praticantes e, mesmo que contratem profissionais (diagramadores, fotógrafos, repórteres, editores, redatores), estes em geral são também surfistas. Na redação de *Fluir* nos anos 1980, por exemplo, a maioria das pessoas surfava. E a prática não se restringia aos editores, redatores e repórteres, mas também aos setores de publicidade, fotografia e arte.

Segundo, porque, ao falarem para um público interessado e mais específico, ajudam a debater valores e práticas e a consolidar um campo em torno do esporte. Diversas e numerosas vozes e agentes falam através dos espaços existentes na revista: a própria publicação, leitores, surfistas, repórteres, entrevistadores, entrevistados, fotógrafos, colunistas, empresários, relações públicas, assessores, dirigentes de entidades esportivas, fãs, admiradores, praticantes eventuais, atletas profissionais etc. – papéis de forma alguma estanques, superpondo-se com frequência. A discussão de assuntos relacionados ao esporte ajuda a divulgar os pontos de vista existentes, as propostas, os problemas, estimulando o debate e contribuindo para o esclarecimento e a organização dos surfistas

e de suas entidades associativas. Pode-se dizer que este é um aspecto mais *político* da atuação das revistas.

A mesma circulação de idéias e de pontos de vista, somada aos anúncios e à divulgação dos campeonatos patrocinados, é fundamental em outro aspecto: o *econômico*. Empresas e marcas que vivem do surfe e/ou que querem atrair os leitores pagam para anunciar no veículo. Com isso, conseguem divulgação, fortalecimento da marca e associação com um esporte admirado pelos leitores. Diversas empresas patrocinam campeonatos e atletas – em ambos os casos, tanto amadores quanto profissionais. Os patrocínios contribuem para o fortalecimento do esporte profissional, ao passo que, para a empresa, ter a marca associada a eventos e atletas (sobretudo se estes forem vencedores) é uma forma de divulgá-la e de mostrar que investe no esporte, algo bastante valorizado pelas publicações e pelos atletas. De uma maneira geral, a cobertura dos eventos realizada pelas revistas dá bastante destaque aos patrocinadores – muitos deles são também anunciantes das publicações. Ainda com relação ao patrocínio de atletas e competições, é comum que o anúncio de uma marca seja ilustrado por fotos dos surfistas patrocinados por ela ou de um evento recente em que a mesma foi o patrocinador principal.

Paralelamente, pela receita que geram para os veículos, os anunciantes os sustentam, garantindo a existência de publicações que, por sua vez, trazem as contribuições mencionadas para o surfe. Fecha-se uma espécie de círculo em que investimentos geram investimentos e trazem retorno para o esporte, em termos profissionais e comerciais. Do ponto de vista econômico, sobretudo, este círculo abrange também os demais meios de comunicação, já citados, que são essenciais para o crescimento do público interessado no surfe.

Passo agora a explorar algumas questões relacionadas ao desenvolvimento do surfe no Brasil nos anos 1980, a partir de uma fonte em especial, a revista *Fluir*.

Houve alguns momentos de “explosão” do surfe no Brasil. Um deles, em torno de 1977, não prosperou no sentido de organizar o esporte. O segundo surto, por volta de 1983, contribuiu para a organização e profissionalização. O crescimento do número de praticantes e de campeonatos não trouxe imediatamente as condições para que atletas pudessem ser profissionais, ou seja, viver exclusivamente do esporte. Mas numerosas associações locais foram fundadas e, embora com idas e vindas, caminhou-se para a criação de uma associação de abrangência nacional, que veio a organizar o primeiro Circuito Brasileiro de Surfe Profissional, em 1987. A importância de construir canais para disseminar informações foi percebida pelas próprias entidades, que buscavam divulgar suas atividades nos veículos especializados. Algumas associações de surfe, bodyboard, skate e surfe de peito também criaram jornais, boletins, fanzines ou algum outro tipo de órgão informativo.

Até a primeira metade da década de 1980, a realização de eventos nacionais e internacionais, no Brasil, era intermitente, assim como a participação de brasileiros em campeonatos no exterior. Por volta de 1983, o surfe disputava corações e mentes dos jovens com esportes como vôlei livre, skate e bicicross. Anos antes, a patinação havia sido uma febre. Porém, ao contrário destes, o surfe conseguiu consolidar-se e profissionalizar-se, estabelecendo-se como um esporte organizado com amplo número de praticantes, e não como uma prática cuja adesão aumenta e diminui de forma sazonal. A preocupação de não ser *apenas mais um modismo* estava presente na fala de vários envolvidos com o surfe nos anos 1980, principalmente daqueles que apontavam o ano de 1977 como uma oportunidade perdida para dar um salto à frente. Exemplo claro deste

processo é a conversão de *Fluir*, que começara como *Fluir – Terra, Mar e Ar* e chegara a tratar de quatro esportes a cada edição (surfe, skate, vôo livre e bicross), em periódico voltado exclusivamente para o surfe. De uma maneira geral, pode-se dizer que a ênfase principal dos primeiros anos da publicação foi no sentido de incentivar o surfe profissional no país.

A esta fala somam-se as que defendem a necessidade de “estruturação”, “organização” e “profissionalização”, palavras que aparecem repetidamente nas fontes do período 1983-1988 utilizadas em minha pesquisa de doutorado. Porém, o caminho de expansão rumo ao lucro não é unânime nem linear. Há, evidentemente, pontos de vista divergentes e conflitantes, em maior ou menor grau. Mas a maioria das vozes se afina no coro que urge não desperdiçar uma oportunidade de ouro para fazer avançar o surfe no Brasil. Estas iniciativas esbarram em uma série de dificuldades: problemas econômicos brasileiros (recessão, inflação, dificuldade de planejamento de investimentos a longo prazo), problemas internos do surfe no Brasil (entidades ainda em formação, disputas políticas entre grupos, comportamento *pouco adequado* de atletas profissionais, confusões durante e após as competições devido a discordâncias em relação à avaliação dos juízes e aos resultados, desconhecimento das regras de competição pelos atletas, entre outros), desconfianças presentes na sociedade (geradas por estigmas associados aos surfistas, como uso de drogas, violência, pouca afeição a estudo e trabalho, alienação)⁴, disputas em torno do uso da praia⁵ e o caráter incipiente do esporte (o número de praticantes cresce principalmente a partir da década de 1970), de sua organização e de seu

⁴. A desconfiança sobre grupos juvenis é um fenômeno que ocorreu em diferentes sociedades e momentos do século XX, sobretudo quando seu comportamento e preferências foram vistos como ameaça ao *status quo*.

⁵. O próprio processo de ocupação e uso da praia para fins de lazer é histórico e sofre mudanças importantes ao longo do tempo, como afirmam estudos como os de Barickman (2006), Booth (2001) e Corbin (1989).

mercado consumidor. Mesmo quando, por volta de 1986-7, as premiações aumentam significativamente e volta a ser realizada no Brasil uma etapa do Circuito Mundial, ainda havia uma série de problemas de organização e raros eram os atletas que podiam viver apenas de patrocínio. Alguns jovens surfistas que se destacavam em meados da década de 1980 faziam duras críticas à geração anterior pela irresponsabilidade que teria gerado uma imagem ruim do esporte, fazendo com que uma oportunidade aberta para a consolidação e profissionalização, nos anos 1970, fosse desperdiçada e ainda se sofresse, no presente, as conseqüências.

Em certos momentos, a revista assume um papel moralizante, colocando-se no lugar de quem determina o que é certo e errado e, principalmente, atribui valor positivo ou negativo à conduta dos demais agentes. Em outros, atua como mediadora, apaziguando os ânimos ou buscando esclarecer para o leitor prós e contras de diferentes pontos de vista, como no caso da greve dos surfistas em janeiro de 1988. Estas funções não são mutuamente excludentes, podendo combinar-se.

A maneira como os problemas aparecem e são discutidos nas fontes sugere que alguns são apresentados com o intuito de serem rapidamente superados (como a ausência de um órgão nacional que organizasse o surfe brasileiro e de reconhecimento como esporte por parte do Conselho Nacional de Desportos), ao passo que outros mais duradouros e profundos, como localismo e drogas, são colocados em segundo plano. O localismo aparece relativamente pouco nas matérias da revista, embora seja abordado criticamente com razoável freqüência nas cartas dos leitores. Em livros sobre surfe, como os de Lorch (1980) e Souza (2004), o localismo praticamente não aparece.

De uma maneira geral, a cobertura do surfe realizada pelos meios de comunicação, assim como os livros voltados para o tema, enfatiza aspectos positivos, como cres-

cimento do número de praticantes e do público presente a campeonatos e aumento na venda de produtos. As revistas buscam atrair a atenção do público e mostrar aos anunciantes que seus leitores são consumidores. Para cumprir tal meta, os valores nobres associados ao surfe (harmonia com a natureza, desapego a bens materiais, vida natural etc.) são, sem dúvida, mais atrativos para admiradores e anunciantes que problemas como uso e tráfico de entorpecentes, falta de educação, violência e localismo. Trata-se de um *negócio*, e quanto mais exemplares vendidos, melhor.

Fluir incentivou a criação de associações de surfe locais, além de divulgar campeonatos e seus resultados. Assim como outros meios de comunicação, é simultaneamente um fórum onde diversas vozes e agentes se fazem presentes, mas também um agente a ter voz e posições próprias. É bom destacar que as revistas, evidentemente, não são um fórum *livre*, em que quaisquer vozes podem se manifestar e recebem o mesmo destaque. Linha editorial, articulações e interesses em jogo fazem com que certos atores e posições ganhem espaço e sejam apresentados de forma positiva, ao passo que outros são criticados ou recebem pouco espaço. De qualquer forma, é importante destacar que, sobretudo nos primeiros anos, a revista ressalta repetidamente seu caráter de “espaço aberto” a todo tipo de contribuição e opinião.

Por fim, cabe destacar que a articulação entre surfe e mídia se dá também no plano do patrocínio. *Fluir*, por exemplo, ajudou a bancar a ida do surfista paulista Picuruta Salazar em etapas do Circuito Mundial de 1984-5, na África do Sul. Em uma foto publicada no livro de Rico de Souza (2004, encarte entre as p. 80-1), dois dos finalistas de um campeonato em Saquarema, em 1978, estampam em suas pranchas patrocínio de meios de comunicação: o próprio Rico (Rede Globo) e Cauli Rodrigues (Rádio Cidade).

Uma(s) história(s) por fazer

Hoje o surfe está integrado às mais novas tecnologias. Etapas do Circuito Mundial são transmitidas ao vivo pela internet e pela televisão a cabo, com notas de cada onda e resultado das baterias divulgados em tempo real, no vídeo. A evolução de materiais e a criatividade de surfistas e profissionais de outras áreas, bem como da ciência, permitem surfar ondas gigantes, no meio do oceano, em lagos e em temperaturas baixíssimas. A Associação de Surfe de Niterói, por exemplo, divulga campeonatos, informa resultados dos mesmos e faz campanhas de filiação através de correio eletrônico. Diversos sítios da internet mostram, quase em tempo real, as condições das ondas em diferentes praias do Brasil e do mundo. Multiplicam-se, portanto, as possibilidades de abordagem e as fontes disponíveis para o historiador.

Vale ainda destacar que a história do surfe corre paralelamente à de outras práticas, como vôo livre, skate, surfe de peito (jacaré, *bodysurf*), sorrisal (*skimboard*), bodyboard, windsurfe, wakeboard, capoeira e artes marciais, entre outros. Diversos agentes se envolveram com mais de um esporte, de maneira que houve intensa circulação. A elaboração de histórias comparadas destas atividades no Rio de Janeiro e em outras cidades e estados brasileiros é mais uma perspectiva promissora que se abre para investigações futuras.

A elaboração de uma – ou muitas! – história social do surfe no Rio de Janeiro e no Brasil, dentro dos parâmetros de nossa disciplina acadêmica, é algo ainda por fazer. Quem se habilita?

Referências bibliográficas

BARICKMAN, Bert. “Um uso carioca”: o banho de mar no Rio de Janeiro no século XIX e no início do século XIX. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DO BRASIL, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 20-21 de junho de 2006. 188p.

BOOTH, Douglas. *Australian Beach Cultures: The History of Sun, Sand and Surf*. London: Frank Cass, 2001.

CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LORCH, Carlos. *Surf: deslizando sobre as ondas*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1980

MEMÓRIAS de Ipanema: 100 anos do bairro. Joëlle Rouchou e Lúcia Blanc [entrevistas], Carlos Eduardo Barata e Cláudia Gaspar [pesquisa histórica]. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura/Assessoria de Projetos Especiais, 1994.

SOUZA, Rico de. *Boas ondas: surfando com Rico de Souza*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.